

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Claudia Elena dos Santos Rangel

**RETRATOS DA RESISTÊNCIA AS FACES DO BATUQUE AFRO-
BRASILEIRO DE NELSON SILVA**

Juiz de Fora
Março de 2016

Claudia Elena dos Santos Rangel

RETRATOS DA RESISTÊNCIA AS FACES DO BATUQUE AFRO-BRASILEIRO DE
NELSON SILVA

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social (Jornalismo) da Faculdade
de Comunicação da Universidade Federal de
Juiz de Fora como requisito para obtenção do
grau de bacharel.

Orientador: Professor Dr. Cristiano Rodrigues

Juiz de Fora

Março de 2016

Claudia Elena dos Santos Rangel

Retratos da resistência: As faces do Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Comunicação
Social – Jornalismo, da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal de
Juiz de Fora, como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano José
Rodrigues

Aprovado(a) pela banca composta pelos seguintes integrantes:

Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues (UFJF) – Orientador

Profa. Ms. Mariana Musse (UFJF) – convidada

Prof. Ms. Guilherme Rezende Landim (UFJF) – convidado

Conceito obtido: _____

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos integrantes do Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva pela receptividade com a nossa equipe neste trabalho, ao meu orientador Cristiano Rodrigues pela abertura e impulsionamento às criações artísticas, ao meu parceiro de trabalho e irmão de vida Guilherme Landim e à Mariana Musse por ter aceitado participar da banca de monografia.

*“Quem és? perguntei ao Desejo.
-pó
-depois larva
-depois nada”*

Hilda Hilst

RESUMO

A série “Retratos da Resistência: as faces do Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva” apresenta os 20 integrantes do conjunto musical juiz-forano considerado Patrimônio Imaterial da cidade a partir do Decreto nº 9.085, de 15 de janeiro de 2007. Buscamos com estas fotografias, mostrar negros e negras empoderados(as) em suas individualidades e particularidades. Além das imagens, a monografia é composta por um relatório que aborda a história do grupo desde seu surgimento em 1964 aos dias atuais, traz um breve panorama do retrato do negro, relata o processo de realização do ensaio fotográfico (pré-produção, produção e pós-produção) e, por fim, expõe as expectativas e questionamentos suscitados no processo de realização.

Palavras-chave: Retrato, Batuque, Movimento Negro.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2.BATUQUE AFRO-BRASILEIRO DE NELSON SILVA: MUSICALIDADE, ANCESTRALIDADE E RITO	09
2.1 EXPRESSÃO CULTURAL E ANCESTRALIDADE.....	09
2.2 O BATUQUE HOJE	12
3. O RETRATO DO NEGRO AO LONGO DA HISTÓRIA	15
4 RELATÓRIO DA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA	18
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO	18
4.1.1 O primeiro contato com o conjunto musical em 2011	19
4.1.2 Decisão de trabalhar com o Batuque2011	19
4.1.3 Pesquisa bibliográfica, iconográfica e sonora	20
4.2 PRODUÇÃO	20
4.2.1 As sessões fotográficas.....	21
4.2.2 Equipamentos utilizados	22
4.2.3 Métodos e técnicas de abordagem.....	22
4.2.4 Maquiagem.....	22
4.3 PÓS-PRODUÇÃO	22
4.3.1 Exibição na Semana da Consciência Negra	23
4.3.1 Exibição no Hall da Universidade.....	24
5. CONCLUSÃO.....	26
6. REFERÊNCIAS	28
7. ANEXOS	30
7.1 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	30
7.2 FOTOGRAFIAS DOS INTEGRANTES	35
7.2.1 Sebastião Pinheiro	35
7.2.2 Sebastião da Mota	36
7.2.3 Hilda Amaro Silva	37
7.2.4 Francisco Mendes Pinto	38
7.2.5 Irani Alves	39
7.2.6 Lúcia Mendes Silva.....	40
7.2.7 Maria Aparecida Silva	41
7.2.8 Brás Vicente Reis	42
7.2.9 Nivalda Maria Barbosa	43
7.2.10 Amarilis Nascimento Oliveira	44
7.2.11 José Carlos Ferreira	45
7.2.12 Plaudilina de Oliveira Boscato	46
7.2.13 Conceição Imaculada Barbosa	47
7.2.14 Zélia Lúcia Lima.....	48
7.2.15 Waltecir Dias.....	49
7.2.16 Cleonice de Oliveira.....	50
7.2.17 Regina Barbosa dos Santos	51
7.2.18 Francisca da Silva.....	52
7.2.19 Magno Martins Oliveira	53
7.2.20 Flávio Carneiro	54

1. INTRODUÇÃO

A série intitulada “Retratos da Resistência: as faces do Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva” é a primeira realizada nos 51 anos de história do grupo, tendo sido parte da Semana Municipal da Consciência Negra de Juiz de Fora e do Mês da Consciência Negra na UFJF em Novembro de 2015 e retomada em 2016 para ser objeto de pesquisa deste trabalho. Apresenta fotografias de Claudia Elena dos Santos Rangel, curadoria de Guilherme Landim e Carolina Bezerra e orientação de Cristiano José Rodrigues.

A beleza da pele negra, das marcas deixadas pelo tempo, e, sobretudo, a beleza das idiossincrasias de cada um dos integrantes do conjunto musical Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva, foi o que objetivamos capturar nesta série composta por 20 fotografias em formato retrato¹. Os turbantes, as indumentárias coloridas e os instrumentos musicais com inspiração em países como Angola e Nigéria do continente africano, aqui são motivo de orgulho: carregam a ancestralidade dos Nagôs e Bantos, de povos antigos que habitaram a Terra e simbolizam a resistência da cultura negra.

Em um contexto em que 77 % dos homicídios no Brasil atingem jovens, negros e de periferia, como mostram os dados do SIM/DATASUS do Ministério da Saúde 2013;² em que a mulher negra está base da pirâmide socioeconômica, como aponta a pesquisa realizada pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC³) de 2014; em um contexto histórico no qual a abolição da escravidão há mais de um século pode não ter significado a integração social de negros e negras libertos(as) somada a “um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação” (MARINGONI, 2001,p.X),⁴. Neste contexto, é de relevância uma exposição fotografia que traz a imagem do negro de forma sorridente, empoderada e exuberante, mostrando-os como reis e rainhas, com suas vestimentas coloridas, mostrando a felicidade em fazer parte do grupo, o qual gera uma

¹ O formato retrato é retangular e tem a altura maior que o comprimento.

² Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf visualizado no dia 09 de Fevereiro de 2016

³ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-09/sistema-tributario-brasileiro-onera-mais-negros-e-mulheres-mostra-estudo>

Visualizado no dia 13 de Fevereiro de 2016

⁴ Disponível em:

http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2673:catid=28&Itemid=23 Visualizado no dia 10 de Fevereiro de 2016

transformação social em seus integrantes, mostrando perante à sociedade seu papel de músicos, de forma a reconhecer seu lugar de expressão artístico-cultural.

2. BATUQUE AFRO-BRASILEIRO DE NELSON SILVA: MUSICALIDADE, ANCESTRALIDADE E RITO

2.1 A HISTÓRIA DO BATUQUE NELSON SILVA: EXPRESSÃO CULTURAL E ANCESTRALIDADE

No Brasil, os grupos de Batuque representam a resistência da musicalidade e ancestralidade de povos africanos. Atualmente alguns dos conjuntos que preservaram sua tradição ao longo da história são: o Batuque de umbigada, com atuação no interior de São Paulo; o jongo, em cidades do interior de São Paulo e do Rio de Janeiro; por fim o tambor de crioula, no Maranhão.

Já o Batuque Afro-Brasileiro de Nelson Silva surgiu em Juiz de Fora no ano 1964 como movimento de resistência da cultura negra, em meio a um contexto de ditadura militar e repressão de liberdades individuais. Sua história teve início com a apresentação “Aquarela do Brasil”, com idealização de José Carlos de Lery Guimarães e concepção artística de Nelson Silva. O espetáculo abriu e encerrou, naquele ano, o Campeonato Brasileiro Juvenil de Voleibol, no campo do Sport Club Juiz de Fora. Formado por 60 negros e negras trajados(as) de branco, o espetáculo “Aquarela do Brasil” iniciou com a entrada das mulheres enfileiradas segurando lampiões seguidas pelos homens, sendo que as mulheres ficaram responsáveis pelo canto e os homens pela percussão.

Hoje eu acredito piamente que houve uma intersecção daqueles escravos, daqueles negros primórdios, que no seu estágio, na sua espiritualidade talvez conclamaram, vibraram, para que pudessemos contar cantando aquilo que eles não puderam (BATISTA, 2001).

Grande parte das músicas do grupo, como “Lamento de Xangô”, “Serenô”, “Yemanjá”, “Panijé”, “Negro da Guiné” e outras trazem, em suas letras, fortes marcas da oralidade africana além de contarem com diversos ritmos englobando temas desde a “senzala, os lamentos, os sambas de roda, o baião, o maxixe, o maracatu até o *maculelê*⁵, os *vissungos*⁶ e o *lundu*, dança permeada de jogos de sensualidade e atração”

⁵ Do interior da Bahia.

⁶ Da época do diamante em Minas Gerais.

(OLIVEIRA, 2003, p. 48). Reiteramos o caráter múltiplo das apresentações do grupo, que se encontra além da diversidade rítmica musical em que:

As músicas, cuja temática é a história do negro brasileiro desde a escravidão ou quase exclusivamente sobre o assunto, são cantadas em tons mesclados do *lúdico ao protesto*, de *festas às resistências*, numa inequívoca *manifestação de massas anônimas* (OLIVEIRA, 2003, p. 47, *grifo nosso*).

A música composta por Nelson Silva para a primeira apresentação foi “Escravidão e Liberdade”⁷, cuja letra narra a vinda dos escravos para o Brasil em navios negreiros, passando pelo período da escravidão e posteriormente a fuga destes para o Quilombo dos Palmares, seguida da liberdade. A música é cantada em todas as apresentações e marca fortemente a ancestralidade e resistência da população negra ao denunciar a escravidão e mencionar os quilombos como símbolos de preservação de tradições e culturas de povos antigos. João Batista afirma sobre a primeira apresentação do grupo: “Nem nós sabíamos o valor do que estava sendo representando ali”, reforçando a importância do Batuque para a cultura afrodescendente em Juiz de Fora e complementa: “Em 1964 cantar ‘Grória, Grória Liberdade’ (*sic*) era uma forma de subversão” (BATISTA, 2001) no ano marcado pelo Golpe Militar. Após o sucesso do espetáculo e com a necessidade do movimento negro se consolidar na cidade⁸, o Batuque Afro-brasileiro Nelson Silva foi oficialmente formado no dia 22 de julho de 1964, desde então:

Nelson Silva foi nomeado para presidir o movimento, mas, na verdade ficava bem evidenciado quando ele *também regia, tocava, compunha e dançava*. Nelsinho, tratamento utilizado por quase todos no grupo,

⁷ A música traz elementos de dialetos africanos como “*Ba-ba-ba-bá-nhé-ba-bá, Xangô, Cangerê*” algo que remete à cultura negra que foi por muito tempo fragilizada no Brasil, desde a vinda nos navios negreiros até a chegada ao novo continente marcada pela hostilização de fatores culturais devido à separação das matrizes africanas para que não tivessem contato entre si e para evitar que fossem organizados e fortalecidos: A diversidade lingüística e cultural dos contingentes negros introduzidos no Brasil, somada a essas hostilidades recíprocas que eles traziam da África e à política de evitar a concentração de escravos oriundos de uma mesma etnia, nas mesmas propriedades, e até nos mesmos navios negreiros, impediu a formação de núcleos solidários que retivessem o patrimônio cultural africano (RIBEIRO, 1995, p. 115).

⁸ Visto que, em meados do século XX, Juiz de Fora era uma cidade com fortes características de segregação racial o espetáculo teve grande repercussão, de forma a dar destaque ao grupo, à sua criação e à comoção propiciada ao público: “Juiz de Fora não era uma exceção no que tange ao racismo da época. Espaços como o Sport Club (dentre outros lugares de “prestígio”, como teatros, clubes etc.) eram frequentados pela elite branca local. A cidade possui um histórico de racismo, contando inclusive com a segregação de espaços (tanto públicos, como ruas, quanto privados, como clubes) em que negros não podiam entrar e/ou transitar, até princípios do século XX, prática corriqueira nas cidades brasileiras. Foi, também, um município que, durante o período escravista, contou com muitas fazendas de café, como era comum em Minas Gerais. Com o advento da sua crescente industrialização, a mão-de-obra imigrante foi favorecida inclusive no setor industrial” (BATISTA *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 5).

exercia uma liderança entre os batuqueiros, que, na sua maioria, era e ainda é, composta por trabalhadores (pedreiros, vigilantes, domésticas, aposentados, dentre outros) predominantemente negros, com poucos recursos materiais e com reduzido ou nenhum grau de escolaridade (OLIVEIRA 2003, p. 30-31).

Outro espetáculo de destaque, o primeiro oficial com o nome “Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva” ocorreu no Cine-Theatro Central em Juiz de Fora (MG), no dia 4 de outubro de 1964, local este, que segundo João Batista, era dominado na época pela elite branca da cidade. Nos anos seguintes, o grupo se apresentou em outras cidades de Minas Gerais e no estado do Rio de Janeiro e São Paulo, tendo se apresentado no Museu Mariano Procópio, na Universidade Federal de Viçosa e na Escadaria da Penha no Rio de Janeiro.

Nelson Silva presidiu o Batuque em seus primeiros quatro anos. Sua presença foi decisiva para a articulação e consolidação enquanto grupo, sendo assim “o Batuque segue, tendo uma média razoável de apresentações. A pedido de Nelson Silva foi elaborado um regulamento interno e o estabelecimento do Livro de presença nos ensaios” (OLIVEIRA, 2003, p. 40) o que auxiliava na frequência dos integrantes nos encontros.

A ideia de Nelson Silva era criar mais espaços para a música negra, que ficava apenas limitada à criação de sambas nas escolas durante o carnaval. Ele imaginava um grupo que oferecesse diversão à comunidade negra, que valorizasse as manifestações culturais e que fosse ainda um grupo ou entidade com uma função social, com capacidade para realizar campanhas por mais empregos, escolas, etc (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

Apesar do sucesso frente ao conjunto e à intensa produção musical, Nelson Silva faleceu em 1969, aos 41 anos de idade, deixando em média 80 peças musicais compostas por ele, o que inclui canções, lamentos, sambas e danças. Após Nelson, o Batuque contou com 8 outras presidências, em suma, ocupadas por indivíduos ativos da militância negra na cidade de Juiz de Fora. Os representantes do grupo revelam-se politicamente articulados e envolvidos em questões pertinentes ao combate dos preconceitos de raça, gênero e classe social. Entre os 9 nomes de liderança do Batuque estão respectivamente: Nelson Silva, José Carlos de Lery Guimarães, Marisa Rodrigues Tavares D'Agosto, Zain Bittar, Paulo César Mariano, Carlos Roberto Calixto, Flávio Luiz de Carneiro e atualmente Zélia Lúcia Lima.

Outro ponto de destaque na história do Batuque é quanto ao seu reconhecimento, em janeiro de 2007, como Patrimônio Imaterial a partir do Decreto Municipal nº 9.085, dado ao grupo devido ao seu valor histórico, político, cultural e social.

Os 51 anos de história do conjunto musical é marcado por forte resistência para se preservar e se manter ativo na cultura e movimento de militância negra local. O que pode ser conferido pela ausência de um local adequado para os ensaios, de verba para manutenção com as despesas básicas e de um subsídio mensal aos seus integrantes.

2.2 O BATUQUE HOJE

A atual líder do grupo, Zélia Lúcia Lima (55 anos), é concomitantemente presidenta do movimento Chicas das Silva (formado por feministas negras em Juiz de Fora) e do Batuque Nelson Silva. Sua atuação no grupo envolve a organização dos locais de ensaio, agendando as apresentações, além da representatividade em diversos setores públicos e privados da cidade como cultura e educação e nos conselhos municipais, estaduais e nacionais relacionados às políticas públicas voltadas ao negro. Além dela, 17 pessoas fazem parte do grupo: Hilda Amaro da Silva (84 anos); Conceição Imaculada Barbosa (59 anos); Sebastião Pinheiro (74 anos); Amarillis do Nascimento Oliveira (75 anos); Claudilina de Oliveira Boscato (62 anos); Maria Aparecida Silva (67 anos); Cleonice de Oliveira (65 anos); Regina Barbosa dos Santos (68 anos) Lúcia Mendes da Silva (60 anos); Nivalda Maria Barbosa (74 anos); Irani Alves (67 anos); Brás Vicente dos Reis (69 anos); Francisco Mendes Pinto (84 anos); Waltencir Dias (78 anos); Magno Martins de Oliveira (78 anos); José Carlos Ferreira Lima (54 anos); Sebastião da Mota (72 anos).

Atualmente, observando os ensaios do Batuque é possível notar como os preceitos deixados por Nelson Silva, referentes à organização e articulação do grupo, são seguidos.

Como salientamos, uma das premissas do Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva, segundo sua primeira diretoria, é ter como fim específico o estudo e a difusão da música popular brasileira. Há, no entanto, duas dimensões que nos levam a crer que a dimensão do batuque transcende esta finalidade: quais sejam: a primeira consiste no espaço vital que o Batuque propicia aos batuqueiros; a segunda, no direcionamento, no tom, no lapidar, no toque final das músicas de Nelson Silva (OLIVEIRA, 2003, p. 73).

Os integrantes tem o compromisso com os ensaios frequentes (todas as terças-feiras), assinam uma lista de presença, compreendem e respeitam as funções desempenhadas por cada um dentro do coletivo, valorizando assim o legado de Nelson Silva, sempre retomando seu repertório original. Neste sentido, Lienhard ao citar uma lembrança da prática Bantu, que consiste na comunicação com entidades ancestrais, afirma: “O que torna possível a comunicação com os mortos é a vibração produzida pelos cantos rituais nestes versos por vezes mínimos” (ANTONACCI, 2004, p. 13).

O Batuque é formado por um grupo múltiplo de pessoas, as quais aprendem e se expressam por meio da musicalidade devido à constante transmissão do aprendizado do canto de uns para os outros e cada um com sua peculiaridade, sua busca no grupo, seja pela dança, pelo vocal, percussão, pois “É no canto, na música e na percussão, que os batuqueiros se organizam enquanto entidade cultural e, sobretudo, se reorganizam em torno de sua identidade” (OLIVEIRA, 2003, p. 73). A constante releitura do trabalho de Nelson Silva realizada pelo Batuque em seus ensaios semanais demonstra que estes são intérpretes que possuem certa autonomia e criatividade, expressando em sua *performance* musical, seja cantando, regendo, tocando ou dançando, de forma a libertar sua espiritualidade (BATISTA, 2001), seus lamentos, sua força e integridade enquanto negro(a) na sociedade atual.

3. O RETRATO DO NEGRO

As primeiras técnicas fotográficas remontam ao século XIX, sendo os primeiros experimentos realizados por Joseph Nicéphore Niépce em 1826 e Daguerre com a patente em 1835 de um equipamento para captação de imagem, o daguerreótipo. Estas técnicas foram anunciadas em todo o mundo, inclusive no Brasil pelo Jornal do Comércio no dia 1 de maio de 1839 que “chamaria a atenção para a novidade que tornaria possível a rápida fixação de um mundo infindável de imagens e ajudaria a abrir as portas para uma nova era de invenções e avanços tecnológicos” (KOUTSOUKOS, 2006, p. 13)⁹. As técnicas para a captação da imagem fotográfica emergem em um contexto de desenvolvimento industrial de países europeus como na França e na Inglaterra. Além disso, um contexto de exploração dos recursos humanos e naturais de países da América Latina e dos continentes africano e asiático.

Atos de invasão, massacre e roubo foram justificados e legitimados por uma ciência que “provou” por muitos anos a superioridade do homem europeu sobre outras culturas e sobre a natureza. Desde os primeiros contatos da civilização ocidental com outros povos, teorias e argumentos, religiosos ou científicos, foram construídos para justificar a dominação europeia sobre outras sociedades. Por muito tempo, a ciência e a religião europeia consideraram negros e índios seres sem alma e, portanto, destituídos de humanidade (CORREA, 2006, p. 20).

Neste sentido, a história do retrato fotográfico da população negra no Brasil no século XIX¹⁰, apresenta, sobretudo, a exploração deste grupo (e de sua imagem) por seus senhores, visto que há uma predominância de fotografias de escravos(as) domésticos(as), *amas-de-leite*¹¹ e *amas-secas* (PONCE, 1983), além do retrato de cunho “etnográfico”, que categorizava grupos dentro de parâmetros tidos como

⁹ Tese de doutorado intitulada “No estúdio do fotógrafo: Representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX” apresentada por KOUTSOUKOS (2006) como requisito para a obtenção do título de doutora na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

¹⁰ O século XIX marca o fim legal do período da escravidão no Brasil.

¹¹ *Ama-de-leite* é o nome dado a mulher que amamenta filhos que não são os seus por a mãe não poder fazê-lo. No período de escravidão no Brasil há relatos de filhos arrancados de suas mães para que elas pudessem servir aos seus senhores e aos filhos deles como ama-de-leite.

exóticos, ou visavam “tipos de negros” (KOUTSOUKOS, 2006)¹², com a intenção de buscar traços nos retratados que indicassem seu local de origem ou descendência.

No caso de muitas das fotografias de escravos, os retratos não foram por eles encomendados; deles nem mesmo partira a ideia da representação. No fim, o produto da visita ao estúdio de fotografia iria parar nos álbuns das famílias a que eles pertenciam. Por outro lado, alguns dos escravos domésticos devem ter ficado com uma cópia do registro, sobretudo quando foram retratados sós, ou, no caso das amas-de-leite, junto com as crianças das quais cuidavam. Para os modelos (forros ou escravos) que posaram para as fotos *souvenir*, ou mesmo para as fotos de cunho etnográfico, aquele era mais um tipo de trabalho pelo qual poderiam ter recebido, em troca, uma quantia determinada. Para as diferentes categorias, o produto da visita ao estúdio do fotógrafo teria diversos significados, finalidades, usos e circulação (KOUTSOUKOS, 2006, p. 66).

No final do século XIX, a assinatura da Lei Áurea¹³, no dia 13 de maio de 1888 não veio acompanhada de medidas para a integração social e econômica da parcela da população negra no Brasil. Ao contrário disso, observou-se a expansão de práticas racistas apoiadas em teorias que visavam “justificar a superioridade intelectual, física e moral do europeu branco, tendo como primeiro grande formulador o conde francês Joseph-Arthur Gobineau (1816–1882)” (MARINGONI, 2001). Tais práticas eram aliadas às medidas de apoio a imigrações para que os trabalhadores estrangeiros ocupassem nas fazendas os postos antes ocupados pelos escravos.

Atualmente, apesar de que o trabalho escravo seja proibido por lei em todo o mundo, estima-se que existam 27 milhões de escravos em países como Brasil, Índia, Gana, Haiti, Sudão. Com pessoas (na grande maioria das vezes negras) trabalhando em grandes latifúndios, guerras, vendidas para fins de exploração sexual¹⁴. Dados, que sugerem o questionamento de como, após mais de um século do fim legal da escravidão, a imagem do negro vem sendo apresentada pela História e pela mídia a fim de corroborar com a discriminação racial.

¹² KOUTSOUKOS (2006) destaca ainda que em suas inserções em busca de fotografias não encontrou nenhum álbum que retratasse famílias negras do final do século XIX, apenas fotografias soltas, ou em álbuns de famílias que eles(as) serviam ou em álbuns de cunho etnográfico. Os álbuns de família provavelmente existiram, porém, devido a propagação de ideais racistas no final do século XIX e início do século XX e à preferência de colecionadores por fotografias de famílias da elite branca, os álbuns de famílias negras da época se perderam com o tempo.

¹³ A Lei Áurea foi sancionada no dia 13 de maio de 1888, a partir dela a escravidão foi proibida legalmente.

¹⁴ Ver (CORREA, 2006).

Em tempos de pós-colonialismo, podemos ainda notar a presença de vários estereótipos do período colonial e escravagista nas narrativas da mídia. Reflexos desse discurso estereotípico podem ser vistos ainda na representação do negro-mestiço no fotojornalismo, em categorias como a do escravo social, da vítima, do criminoso, do trabalhador do campo ou, excepcionalmente, o do cidadão incomum, que se destacou em sua área de atuação profissional. (CORREA, 2016, p. 30).

Neste sentido, com maior atividade a partir dos anos 1960, movimentos sociais de minorias ¹⁵, a Contracultura, ou Teoria do Multiculturalismo¹⁶, vem questionando a representação da imagem do negro ligada a estereótipos pejorativos como marginal, criminoso, inferior, dentre outros. De acordo com Freedman (2009)¹⁷ “a cultura visual influi nos interesses das pessoas, mas também muda baseando-se na visualização imaginativa e em resposta a estes interesses¹⁸”. Em face da afirmação do autor, é possível destacar os trabalhos de: Eddie Adams, fotógrafo norte-americano que realizou séries de retratos com lideranças de movimentos negros entre os anos 1960 e 2000; do fotógrafo norte-americano Rex Evarett, que realizou em 1964 uma série com a militante feminista do movimento negro, Angela Davis, além do trabalho da brasileira Elen Moção, com seu ensaio “Gorda Preta” no qual apresenta modelos negras acima do peso. Trabalhos que foram referência para a realização da exposição fotográfica “Retratos da Resistência: as faces do Batuque afro-brasileiro de Nelson Silva”.

¹⁵ Movimentos sociais como os “Panteras Negras” com início nos anos 1960 nos Estados Unidos, ampliaram as discussões sobre o racismo e a marginalização do negro.

¹⁶ O multiculturalismo sugere que todas as culturas são igualmente ricas e podem conviver harmonicamente sem que haja a prevalência de uma cultura sobre outra.

¹⁷ FREEDMAN (2009) menciona o fato de que a imaginação se desenvolva por meio de experiências disciplinares e multidisciplinares com a cultura visual, desempenhando um papel de extensão do significado das imagens que vemos. Neste sentido, é válida a reflexão de como a imagem do negro transmitida pela mídia, pela história, ou mesmo pela história da fotografia corrobora na formação dos indivíduos e para a promoção da igualdade de raça e gênero.

¹⁸ Tradução feita do espanhol pela autora.

4. EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: RETRATOS DA RESISTÊNCIA AS FACES DO BATUQUE AFRO BRASILEIRO DE NELSON SILVA

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

4.1.1 O primeiro contato com o conjunto musical em 2011

Conheci o Batuque afro-brasileiro de Nelson Silva em 2011, na ocasião estava gravando o documentário *Mulheres de Luta*, sobre feministas negras, para a disciplina de Comunicação Comunitária ministrada pela professora Claudia Regina Lahni, e filmei junto com outros graduandos uma apresentação do grupo, na Medalha Nelson Silva em Novembro, mês da Consciência Negra, na Câmara Municipal de Juiz de Fora.

Além da apresentação musical, gravamos entrevistas com três integrantes do Batuque afro-brasileiro de Nelson Silva: Zélia Lúcia Lima (atual presidenta do grupo), Nivalda Barbosa (regente do grupo) e Regina Barbosa (integrante do grupo). A equipe para a gravação do documentário “Mulheres de Luta” foi constituída por Guilherme Landim, na direção de fotografia, Tadeu Carneiro na produção, Pedro Henrique Ferreira na montagem e eu na direção e condução das entrevistas. As entrevistadas falaram do movimento negro ligado ao feminismo, da forma como a mulher negra sofre duplamente com o machismo e o racismo, fizeram um breve panorama do movimento negro feminista em Juiz de Fora e no Brasil e contaram casos pessoais de racismo.

No dia da entrega da Medalha Nelson Silva, Guilherme Landim e eu, fomos convidados pelas integrantes filmadas para uma festa da semana da Consciência Negra, sentamos na mesa reservada para o Batuque, ouvimos mais sobre o grupo e estabelecemos um contato mais pessoal com as integrantes. Foi uma festa divertida, espontânea, dançamos com elas, rimos e conversamos sobre diversos assuntos.

Após esse dia, Guilherme e eu mantivemos contato com alguns integrantes do grupo musical. No decorrer de três anos pensamos na proposta de realizar um filme documental e fotografias do conjunto musical com 51 anos de história de resistência cultural na cidade. Não demos início ao desenvolvimento do projeto nestes anos devido a execução do documentário *Habita-me se em ti transito*, entre 2011 e 2014.

4.1.2 Decisão de trabalhar com o Batuque

Em 2015, Guilherme Landim e eu, decidimos investir na ideia do documentário, agregamos à equipe Carolina Bezerra, responsável pela pesquisa. A partir de maio deste ano passamos a frequentar todos os ensaios, apresentações e reuniões do Batuque, sendo que eu fiquei encarregada de fotografar o grupo em suas atividades.

4.1.3 Pesquisa bibliográfica, iconográfica e sonora

Para a escrita do projeto para a Lei Municipal Murilo Mendes de Incentivo à Cultura realizamos um amplo levantamento bibliográfico, iconográfico e sonoro, em bibliotecas públicas (Biblioteca Municipal de Juiz de Fora, Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora), acervos particulares (com integrantes do grupo, parentes de integrantes falecidos e ex-integrantes) e na Fundação Cultural Alfredo Ferreira Laje (Funalfa). Entre o material que encontramos destaque: notícias sobre as primeiras apresentações, algumas gravações de áudio realizadas pela Funalfa, encartes de apresentações e o livro do pesquisador Osvaldo Oliveira “O batuque afro-brasileiro de Nelson Silva”. Ressalto que há pouco material sobre o conjunto musical, sendo que este se encontra em más condições de armazenamento e acesso, além disso, não há um *locus* desse acervo físico, sendo ainda escasso o material virtual disponível na rede sobre o Batuque, (no máximo 3 matérias jornalísticas, algumas fotos e apenas um vídeo em baixa resolução), todos sem detalhamentos, de uma forma breve e rasa de informação.

O livro do pesquisador Osvaldo de Oliveira “Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva” é uma das principais referências para a escrita do projeto. Durante o mês de julho escrevi em conjunto com Guilherme Landim e Carolina Bezerra o projeto para a Lei de Incentivo, como parte adjunta, inserimos um retrato de cada integrante. Esta primeira série foi realizada no dia 13 de julho de 2015, na casa dos Conselhos, com a duração de cada sessão sendo aproximadamente 10 minutos para cada integrante do grupo. Para esta primeira sessão usei uma Sony Alfa SLT-A99V, lente Clara 85mm com abertura de diafragma 1.4mm. Não usamos equipamentos de iluminação nesta primeira sessão de retratos. O projeto foi submetido com êxito em agosto de 2015. Submetido e aprovado na Lei Municipal de Incentivo a Cultura Murilo Mendes.

4.1.4 Acompanhamento do grupo com a câmera

A aproximação com a câmera também foi gradativa, pelas experiências com outros trabalhos sabemos o quanto a presença de uma câmera fotografando ou filmando pode intimidar, ao invés de captar as particularidades. Aos poucos câmera foi aos poucos sendo “naturalizada” nos ensaios e registros do grupo. Acredito que seja um processo longo, porém prazeroso, o de conseguir com a câmera captar as peculiaridades de cada integrante, capturar um registro particular num ambiente plural.

A partir disso, fiquei instigada a realizar uma série de retratos dos integrantes do Batuque como projeto de Conclusão do Curso de Comunicação Social, pois unia o gosto pela fotografia ao grupo que estava pesquisando. Queria apresentar o negro de forma emponderada e exuberante, realçando traços da ancestralidade do grupo.

4.1.5 A ideia de uma série de retratos dos integrantes do Batuque

Em agosto de 2015 a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora lançou um edital para atividades do mês Novembro, com valor de até mil e oitocentos reais para promover alguma atividade relacionada a Semana da Consciência Negra (de 16 de Novembro de 2015 há 20 de Novembro de 2015).

Antes disso já desejávamos realizar uma exposição fotográfica do grupo, visto que o Batuque Afro- Brasileiro de Nelson Silva nunca havia tido exposição ou material audiovisual de forma a ressaltar seu valor enquanto Patrimônio Imaterial. Para tanto, conversamos com eles para saber se estavam de acordo. Falamos do edital, e da ideia de promover uma exposição fotográfica com apresentação no final, como parte da Semana da Consciência Negra.

A escrita do projeto foi relativamente simples, eu poucos dias Guilherme e eu conseguimos orçamentos necessários de impressão e moldura e delimitar o que seria a exposição. Comigo na fotografia e com ele na curadoria.

Após escrito, conversamos com a pesquisadora Carolina Bezerra que integrou conosco a exposição, partilhando com o Guilherme a curadoria e a produção. Inscrevemos no edital, o projeto foi aprovado. Como contrapartida, oferecemos ao grupo as fotografias emolduradas depois de serem expostas para integrar seu novo espaço que tem previsão de inauguração em maio de 2016.

Elaboramos um roteiro para a realização das fotos, pensando em aproximadamente 8 fotos de cada retratado e entre 20 e 30 minutos de sessão para cada um.

Para agregar informações aos retratos, a pesquisadora Carolina Bezerra, realizou entrevistas durante o mês de setembro com todos os integrantes do grupo, nas quais pergunta o nome de cada um(a), a idade e o que o Batuque representa em sua vida.¹⁹

4.2 PRODUÇÃO

4.2.1 As sessões fotográficas

A sessão fotográfica ocorreu no dia 02 de Outubro de 2015, com aproximadamente 8 horas de duração, na Casa dos Conselhos, 7º andar. Além disso, fizemos mais 2 sessões uma com a Cleunisse Oliveira e outra com Flávio Aloísio Carneiro, integrantes do Batuque que não puderam comparecer nesta data.

No dia do ensaio com a maior parte do Batuque, Guilherme Landim e eu, chegamos às 12 horas na Casa dos Conselhos para preparar e montar o equipamento de iluminação e Carolina Bezerra chegou logo em seguida para preparar as maquiagens. Neste dia, fotografei 18 dos 20 integrantes do grupo: Hilda Amaro da Silva, Conceição Imaculada Barbosa, Sebastião Pinheiro, Francisca Silva, Amarillis do Nascimento Oliveira, Claudilina de Oliveira Boscato, Maria Aparecida Silva, Regina Barbosa dos Santos, Lúcia Mendes da Silva, Nivalda Maria Barbosa, Irani Alves, Brás Vicente dos Reis, Francisco Mendes Pinto, Waltencir Dias Magno Martins de Oliveira, José Carlos Ferreira Lima e Sebastião da Mota.

A sessão com cada integrante durou entre 20 e 30 minutos, com resultado de aproximadamente 25 fotos para cada um, em formato retrato e em planos próximos, sendo a maioria destes mostrando o retratado do quadril para cima. A sessão fotográfica com Cleunisse Oliveira ocorreu no dia 23 de Outubro de 2015, em uma sala do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, durou cerca de 30 minutos e teve como resultado 35 fotos. Por fim, a sessão fotográfica com Flávio Aloísio Carneiro

¹⁹ As falas das entrevistas são o anexo 1, encontram-se no final desta monografia

foi realizada na Casa dos Conselhos no dia 29 de Outubro, com duração de aproximadamente 40 minutos sendo obtidas 30 fotos em formato retrato.

4.2.2 Equipamentos utilizados

Para a sessão de fotografias utilizei uma câmera fotográfica Sony Alfa modelo SLT-A99V, lente 85 mm com possibilidade de abertura do diafragma em $f / 1:4$. Os equipamentos de iluminação que usamos foram dois Spots com potência de 300W cada e um rebatedor de luz 110 X 170 cm.

4.2.3 Técnicas de abordagem

Frisamos no processo de abordagem uma aproximação descontraída com brincadeiras, nunca em tom pejorativo ou agressivo; elogios para que eles se sentissem mais a vontade; conversa sobre a trajetória de vida e curiosidades na história do grupo.

Além disso, no processo de abordagem cada um dos integrantes do conjunto musical foi estimulado referenciar algum personagem ancestral que considera importante, como: Dandanda²⁰; Oyo²¹; reis e rainhas da tradição Nagô e Banto; as entidades da Umbanda e Camdomblé. Por meio de suas indumentárias, posição corporal, sorrisos, gestos que remetessem seus ancestrais.

4.2.4. Maquiagem

A maquiagem feita por Carolina Bezerra foi optativa. Assim como, as cores de *batons*, *blush* foram escolha das (os) maquiadas(os). Durante o processo, a maquiadora do ensaio relatou que as histórias de vida que ouviu foram emocionantes para ela.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

A pós-produção englobou: a edição das fotos, testes de fotografia, emolduramento, montagem e desmontagem da exposição no hall de entrada da biblioteca Municipal de Juiz de Fora, montagem e desmontagem da exposição no corredor principal da reitoria

²⁰ Dandara foi uma guerreira negra do período em que Brasil era colônia .

²¹ Oyo é um rei Nagô ou Yoruba

da Universidade Federal de Juiz de Fora e encerramento da exposição com mesa de debate e apresentação do Batuque afro-brasileiro de Nelson Silva.

A edição das imagens foi no programa *Above Photoshop*, teve como objetivo corrigir enquadramento, destacar as cores das indumentárias e realçar a beleza da pele negra.

Após a primeira edição, fizemos os testes de impressão em tamanho 10 x 15 cm. Depois deste, novos retoques e correções em algumas das fotos. Um outro teste no tamanho 10x15cm, mais correções e por fim estavam com a qualidade que desejávamos. Imprimimos em tamanho 30 x 45 as 20 fotos dos integrantes do Batuque e as encaminhamos para o processo de molduras.

A moldura padrão escolhida para todos os retratos foi toda branca com 5 cm de *paspatur* em cada lado. Paralelamente a este processo, os curadores se reuniram para escrever o texto de abertura ²²

Além disso, planejamos para a exposição fotográfica biombos em Tecido *Oxford* preto, envoltos no suporte metálico. Os biombos foram elaborados por Erminia Bezerra como parte integrante da exibição.

4.3.1 Montagem da exposição no hall de entrada da biblioteca municipal de juiz de fora

A primeira montagem da exposição “Retratos da Resistência: as faces do Batuque afro-brasileiro de Nelson Silva” foi feita no dia 21 de Novembro de 2015. Havíamos planejado que a primeira exposição da série acontecesse na Praça Antônio Carlos. Porém, o dia foi demasiado chuvoso, tivemos de realizar a exposição no Hall de Entrada da Biblioteca Municipal, que fica na Praça e é coberto.

Pegamos as fotos emolduradas às 8 da manhã e seguimos de táxi para a Praça. As estruturas cedidas pela Funalfa já estavam lá quando chegamos para a montagem. Carolina Bezerra os biombos tecidos para cobrir as estruturas e com o *banner*.

Com a colaboração de Carlos Eduardo, Chadas Ustuntas e de Oruan Perez,

²² O texto de abertura da exposição visou contextualizar a importância histórico-cultural do Batuque para Juiz de Fora e para todo o movimento negro, além da importância de se retratar o negro de forma e empoderada e exuberante. Processo ao qual estive acompanhando e sugerindo informações, principalmente referentes às sessões fotográficas.

demos início à montagem dos biombos para suporte das fotos. Às 11 horas a estrutura de suporte estava montada, com a estrutura de sete triângulos, com 2 metros de altura por 1 metro de largura, revestidos com os biombos, inserimos os quadros, os nomes de cada um e ao lado das fotos o texto referente às entrevistas que fizemos com os batuqueiros.

Às 15 horas estava tudo pronto, abrimos os portões, as pessoas foram chegando percorrendo cada foto. Os retratados, alguns acompanhados de parentes, olhavam com afeto para o resultado, comentando com seus acompanhantes e conosco o que estavam sentindo ao se verem na exposição. Entre os comentários, dona Hilda nos parabenizou e comentou que era a primeira exposição de fotografias do Batuque e que isso significava muito para ela e para o grupo. Dona Francisca, com 97 anos de idade, nos agradeceu e disse que sentia orgulhosa por ser negra e ver sua imagem ali. Bras, chamado por todos no grupo de “peixe” afirmou que gostou muito de seu retrato e os de seus colegas, disse que todos estavam bonitos e que a exposição era naquele momento para ele uma homenagem aos seus ancestrais e seus guias espirituais.

Depois dos momentos de descontração, os participantes do conjunto musical realizaram uma apresentação improvisada: sem as roupas que geralmente usam nos espetáculos e sem instrumentos musicais.

Às 19 horas começamos a desmontar a exposição, com cuidado para não causar nenhum dano aos trabalhos, às 20 horas já estava tudo desmontado.

4.3.2 Exposição na reitoria da UFJF

A exposição na UFJF aconteceu no corredor principal do Prédio da Reitoria, do dia 23 de Novembro de 2015 ao dia 27 de Novembro de 2015, com horário de visitação das 07h às 22h. Contou com o apoio da Diretoria de Ações Afirmativas da UFJF, fazendo parte do Mês da Consciência Negra da UFJF.

A Funalfa entregou as estruturas de metal às 08h na UFJF. Guilherme pegou as fotos em minha casa, levou pra universidade. Fui ao centro comprar o que faltava para a montagem da exposição como: álcool para a limpeza dos quadros, tinta branca para o retoque das molduras, fita para colar as legendas das fotos, linha e agulha para costurar os biombos. Cheguei às 11 horas na reitoria. Limpamos todos os quadros com álcool e fizemos retoques com tinta branca para cobrir pequenos danos causados na moldura

montagem. A montagem da exposição na reitoria foi mais calma e tranquila que a da Biblioteca Municipal. Às 16 horas já estava tudo pronto.

Durante a montagem, trabalhadores da Universidade nos disseram que estavam emocionados de se verem representados na exposição e que era um orgulho para eles verem um grupo musical composto por negros e negras ter espaço ali.

O encerramento da exposição contou com mesa de debate no Anfiteatro da Reitoria e com uma apresentação do grupo no *hall* de entrada da Reitoria no dia 27 de Novembro, com início às 19 horas. Todos os integrantes compareceram. A mesa, foi composta por Flavinho da Juventude, Zélia Lúcia Lima, Guilherme Landim e por mim. A fala de Flavinho foi marcante aos presentes no local. Ele mencionou a conjuntura da população negra e de periferia no Brasil, deu um panorama histórico da militância do movimento negro em Juiz de Fora e no Brasil, e questionou o fato do espaço das universidades públicas ainda serem elitizados e predominantemente brancos, mesmo com a implementação das cotas raciais e socioeconômicas, o encerramento de sua fala deu abertura a questionamentos referentes aos espaços que a população negra ocupa na sociedade e da importância do Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva estar ali e se apresentando e sendo mostrado em uma exposição fotográfica.

Por fim, a apresentação de encerramento da exposição foi no Hall da reitoria que dá acesso à Biblioteca Central e tem amplo fluxo de estudantes. O repertório foi escolhido especialmente para este dia, com as músicas “Escravidão e Liberdade” “Yemanjá”, “Samba de Pirapora” e “Xango”. Na escolha das músicas o conjunto musical priorizou as que para eles melhor representam suas raízes e a história de seus ancestrais.

5. CONCLUSÃO

Baseamos este trabalho na exposição fotográfica Retratos da Resistência: as faces do Batuque afro-brasileiro de Nelson Silva”, criada com o objetivo de apresentar os atuais integrantes do conjunto que deu nome a série. A importância da série de fotografias está no fato de retratar o negro de forma empoderada, exibindo assim a diversidade de faces que compõem o grupo. Para a compreensão da História do grupo recorremos a alguns acervos encontrados no contexto de precariedade, mas compreendemos que a História do Batuque é viva, é presente, sua literatura é oral e encontra-se reunida em letra, voz e imagens em cantorias, presentes em sua *performance* enquanto um coletivo musical afro, que retoma os lamentos da escravidão além de outras questões históricas do negro no Brasil.

O Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva, recorre à história dos ancestrais para se afirmarem enquanto sujeitos criativos e expressivos na sociedade atual o que se observa em suas matrizes culturais presentes nas canções com influência de povos como os Nagôs e Bantos, em suas danças, batuques e lamentos. Estes, considerados pelos integrantes do conjunto musical como instrumentos de resistência e expressão cultural.

Na série de retratos procuramos ressaltar a ancestralidade do grupo por meio de da estética adotada por eles, somada a informações em texto que acompanham cada um das fotografias, nas quais muitos deles fazem menção a sua descendência e contam como as músicas cantadas pelo grupo remetem as trajetórias pessoais.

As questões suscitadas durante a realização deste trabalho foram principalmente em relação a imagem do negro: como a mídia e os meios de comunicação nos mostram a população negra? Quantas vezes vemos nestes meios de comunicação a imagem de da população negra de forma empoderados? O que passa na mídia sobre o movimento negro e as lutas em prol de melhorias deste grupo? De que forma a história da fotografia nos apresenta esta grande parcela da população? Quais elementos da cultura negra estão presentes em nossa cultura visual?

Além das questões suscitadas creio que foi um trabalho verdadeiramente recompensador à medida que nos proporcionou bons momentos com os integrantes do grupo, e segundo eles próprios aumentou a autoestima de cada um deles quando se

viram como reis e rainhas que apesar da pele negra, da idade avançada, das marcas do tempo, são belos e autênticos em suas particularidades. Foi gratificante o conhecimento adquirido sobre a história do Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva, nestes últimos meses, por percebermos sua importância cultural, histórica, na vida de cada um dos atuais integrantes do grupo e de quem tem o privilégio os acompanhar.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **No corpo a corpo, letra, voz, imagem em culturas africanas e afro-brasileiras**. VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra 16, 17 e 18 de Setembro de 2004.

ALVES, Irani. **Áudio da gravação realizada pela pesquisadora da equipe de exposição fotográfica Carolina Bezerra**. Juiz de Fora: 2015.

BARBOSA, Conceição. **Áudio da gravação realizada pela pesquisadora da equipe de exposição fotográfica Carolina Bezerra**. Juiz de Fora: 2015.

BARBOSA, Regina. **Áudio da gravação realizada pela pesquisadora da equipe de exposição fotográfica Carolina Bezerra**. Juiz de Fora: 2015.

BARBOSA, Nivalda. **Áudio da gravação realizada pela pesquisadora da equipe de exposição fotográfica Carolina Bezerra**. Juiz de Fora: 2015

BARTHES, Roland, *A câmara clara*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1984

BATISTA, José. **Áudio de gravação realizada pela Funalfa**. Juiz de Fora: 2001

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás – um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BONI, Paulo César. **A fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Londrina: Doc On-line, n.03, Dezembro 2007, www.doc.ubi.pt, pp. 137-157. Acesso dia 20 de novembro de 2015: Disponível em http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf

FREEDMAN, Kerry. **Enseñar la Cultura Visual: Currículum, estética y la visa social del arte**. Barcelona:Ediciones OCTAEDRO, 2006

FREIRE, GILBERTO. **Casa Grande e Senzala**.Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1964

OLIVEIRA, Osvaldo Antônio de. **O Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva**. Juiz de Fora, Funalfa Edições, 2003.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade, a forma social negro brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988

KOUTSOUKOS, Sandra. **No estúdio do fotógrafo: Representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX**. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000428232&fd=y>

(Acesso no dia 09 de Fevereiro de 2016)

Anexo 1

As falas abaixo são as legendas que acompanham as fotografias dos integrantes do Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva. São respostas as entrevistas feitas pela pesquisadora Carolina Bezerra que perguntou o nome, a idade e a importância do Batuque para cada um(a).

SEBASTIÃO DA MOTA, 72 ANOS

“Todo o conhecimento musical que eu tenho começou aqui no Batuque. Na época também com o padre Sérgio Moreira na Catedral. A primeira missa que eu cantei com o coral foi com o Batuque Afro-brasileiro e aí passei a gostar muito, ao ver as histórias e passei a prestar bem atenção. O Batuque foi uma abertura musical pra mim”

FRANCISCA DA SILVA, 97 ANOS

“O Batuque pra mim é a maior alegria, eu fui acostumada com ele, sempre acompanho. Eu era muito nova ainda e já estava acompanhando o Batuque”

CLEUNISSE OLIVEIRA, 65 ANOS “Eu não fui fundadora não sabe?! Não sei as histórias, mas eu dou a minha vida pelo Batuque, de coração mesmo. Gosto de dançar, estou sempre ali presente, não gosto de faltar ensaio. O Batuque é coisa que eu herdei, sabe?! Eu não sei explicar não, mas sei que é coisa mesmo lá dos meus antepassados, essa coisa de eu dançar com a moringa na cabeça, não sei, não tenho explicação, mas tenho muito orgulho”

HILDA AMARO DA SILVA, 84 ANOS

“O Batuque pra mim é a minha vida. Toda vida eu gostei do Batuque. Pra mim é uma família. Eu custei a entrar pro Batuque, mas chegou o dia de eu entrar e eu só vou sair quando eu morrer, enquanto eu puder vir eu venho, nem que seja arrastando. Chegou o dia do ensaio eu largo tudo, é a única coisa que eu estou frequentando, nem a ‘Terceira Idade’ eu frequento mais, é só o Batuque”

MAGNO MARTINS DE OLIVEIRA, 51 ANOS

“O Batuque é um grupo que a gente acompanha faz tempo e hoje está significando muita coisa na minha vida, são tantas coisas que nós passamos juntos que é difícil até expressar”

JOSÉ CARLOS, 54 ANOS

“A gente sabe que é um grupo tradicional e que dá orgulho fazer parte. É um grupo que é patrimônio imaterial e sabemos que ele tem que ter a continuidade. Nós temos certa dificuldade de ter mais integrantes no grupo, mas entendemos que vamos conseguir. Acho que isso é importante, um grupo tão bonito, que fala da origem do negro. Nós negros somos tão sofridos e agora, com este grupo que está aí, da forma que está, a gente não pode deixar morrer de jeito nenhum, temos que mostrar o valor que o negro tem. Porque acho que não tem raça mais bonita, mais linda que a raça negra, portanto eu fico feliz de ser negro e fazer parte deste grupo”

PLAUDILINA BOSCATO, 62 ANOS

“É tudo que representa sobre o preconceito dos negros. Nunca tinha entrado e nem tinha conhecimento, mas agora eu comecei e estou gostando muito”

BRÁZ VICENTE DOS REIS, 69 ANOS

“O Batuque representa pra mim muita coisa boa, porque eu sempre fui doido com música. Desde os oito anos de idade que eu mexo com música. Meus avós todos eram músicos. A minha mãe, meu pai e eu éramos cantores litúrgicos. Eu fui coroinha de igreja e sempre estive com a música. Música pra mim é uma arte e eu casei com a música. Se faltar música pra mim eu prefiro a morte. Aliás, a música nasceu primeiro e eu acho que eu fui o segundo a nascer. Eu casei com a música satisfeito. Se faltar música pra mim falta tudo. Música é Deus, é presença, é luta, é sacrifício, é o prazer de viver”

CONCEIÇÃO IMACULADA, 61 ANOS

“O Batuque é tudo de bom. Quando eu entrei pro Batuque eu tinha oito anos. Eu tive o prazer de conhecer o Nelson Silva. Hoje eu só não venho no ensaio ou na apresentação se eu estiver doente ou no serviço. O Batuque é tudo. O Batuque é uma benção na

minha vida. Nossa, aprendi muito. Eu já cantava na aula, mas depois que eu entrei no Batuque eu virei uma cantora, cantei de verdade”

ZÉLIA LÚCIA LIMA, 55 ANOS

“Quando eu conheci o Batuque eu senti que a minha ancestralidade estava representada ali através das músicas. O Batuque representa o meu passado, a minha história, a história do povo negro brasileiro”

SEBASTIÃO PINHEIRO, 74 ANOS

“Eu era uma pessoa muito solitária e muito tímida e o Batuque me ajudou muito, tinha vício de beber e de fumar e eu larguei tudo para me dedicar ao grupo, que me faz bem. É uma coisa que faço com muita alegria e muito prazer”

MARIA APARECIDA SILVA, 67 ANOS

“Eu passei a gostar do Batuque quando eu vi a primeira apresentação, Aquarela do Brasil lá no Sport Club, eu nem sabia o que era. Eu fui com a escola ver a peça. E mais tarde eu fui conhecer o Nelson Silva, ele era compadre da minha mãe, lá no Bairro Dom Bosco, na antiga Serrinha. E o Batuque surgiu pra mim quando minhas amigas da igreja me convidaram, um dia eu fui e gostei muito e até hoje eu estou no grupo. Nós somos uma família. Enquanto tiver mais um componente eu estou junto, estou fazendo parte”

REGINA BARBOSA, 68 ANOS

“ Eu entrei no Batuque em 64, portanto eu fui a primeira solista do Batuque. Cantei em festival no Cine Teatro Central “Negrinho do Pastoreiro”, “Acende Luz”, cantei em Belo Horizonte, ganhei melhor intérprete em música popular. O Nelson, na época que ele estava doente, ele disse pra mim e pras minhas irmãs Minhas neguinhas, não me abandonem, não deixem o batuque acabar. Eu perdi meu marido, que era do Batuque também, ele morreu faz um ano, eu afastei do Batuque um pouco, portanto as músicas do Batuque me fazem bem, relaxam, as músicas do Nelson, não tem outra coisa melhor, depois de Deus.

LUZIA MENDES DA SILVA, 60 ANOS

“ O Batuque pra mim é tudo, é uma entidade muito querida, que eu conheci com meus onze anos de idade, aí eu tive idas e vindas, trabalho, casamento, criar filhos, criar

netos, às vezes eu saía e voltava, mas é tudo pra mim, o Batuque é minha paixão, é uma família.”

NIVALDA MARIA BARBOSA, 75 ANOS

É tudo, o Batuque me faz lembrar muito de nosso fundador, Nelson Silva, é tudo, tudo mesmo.

IRANI ALVES, 69 ANOS

Há muito tempo o Batuque é minha vida. Eu não conhecia. A primeira vez que eu vi eles apresentando, foi no espaço Mascarenhas aí eu falei, ah eu não aguento, eu vou entrar nesse grupo, eu sempre amei esse grupo. Um amigo meu que me implorou na minha casa pra eu entrar, e eu disse que sou muito sem jeito, não sei dançar, não assim espontânea igual o pessoal é né, ele falou: - “Você vai nos ensaios, você olha, depois você acostuma e você vai gostar”. E foi dito e feito, mas infelizmente este amigo faleceu e pediu que eu ficasse no grupo, o Luiz, meu amigo de verdade, que me trouxe essa alegria.

FRANCISCO MENDES PINTO, 84 ANOS

“Vai fazer dois anos que estou no Batuque, eu vim a primeira vez, gostei e continuo. Eu gosto de estar aqui, representar a raça negra e vou continuar.”

FLÁVIO ALOÍSIO CARNEIRO, 65 ANOS

“O Batuque sempre foi pra mim um instrumento de luta, é até uma tática de guerrilha. Para aquela sociedade que sempre discrimina a gente, a gente sempre está lá, cantando pra eles, pra eles verem o que eles conseguiram fazer com a gente. Nós vamos saciando nosso desejo de mostrar que não é nada disso, que afinal nós estamos aí, juntos e misturados, mas sem lambança”

AMARILLIS DO NASCIMENTO, 75 ANOS

“É um emoção muito grande cantar e se apresentar no batuque, quando não tem ensaio eu sinto muita falta. O batuque representa tudo pra mim, é a minha família”

WALTENCIR DIAS, 78 ANOS

“O batuque é a minha vida, é a minha família, é o que faz tudo ter sentido. Sem o batuque eu não sou gente, eu não sou ninguém”

Anexo 2 – FOTOGRAFIAS DOS INTEGRANTES DO BATUQUE



Sebastião Pinheiro (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Sebastião da Mota (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Hilda Aparecida Amparo (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Maria Aparecida Silva (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Luzia Mendes da Silva (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Amarillis do Nascimento (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Brás Vicente Reis (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Nivalda Aparecida Barbosa (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Irani Alves (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



José Carlos Lima (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Francisca da Silva (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



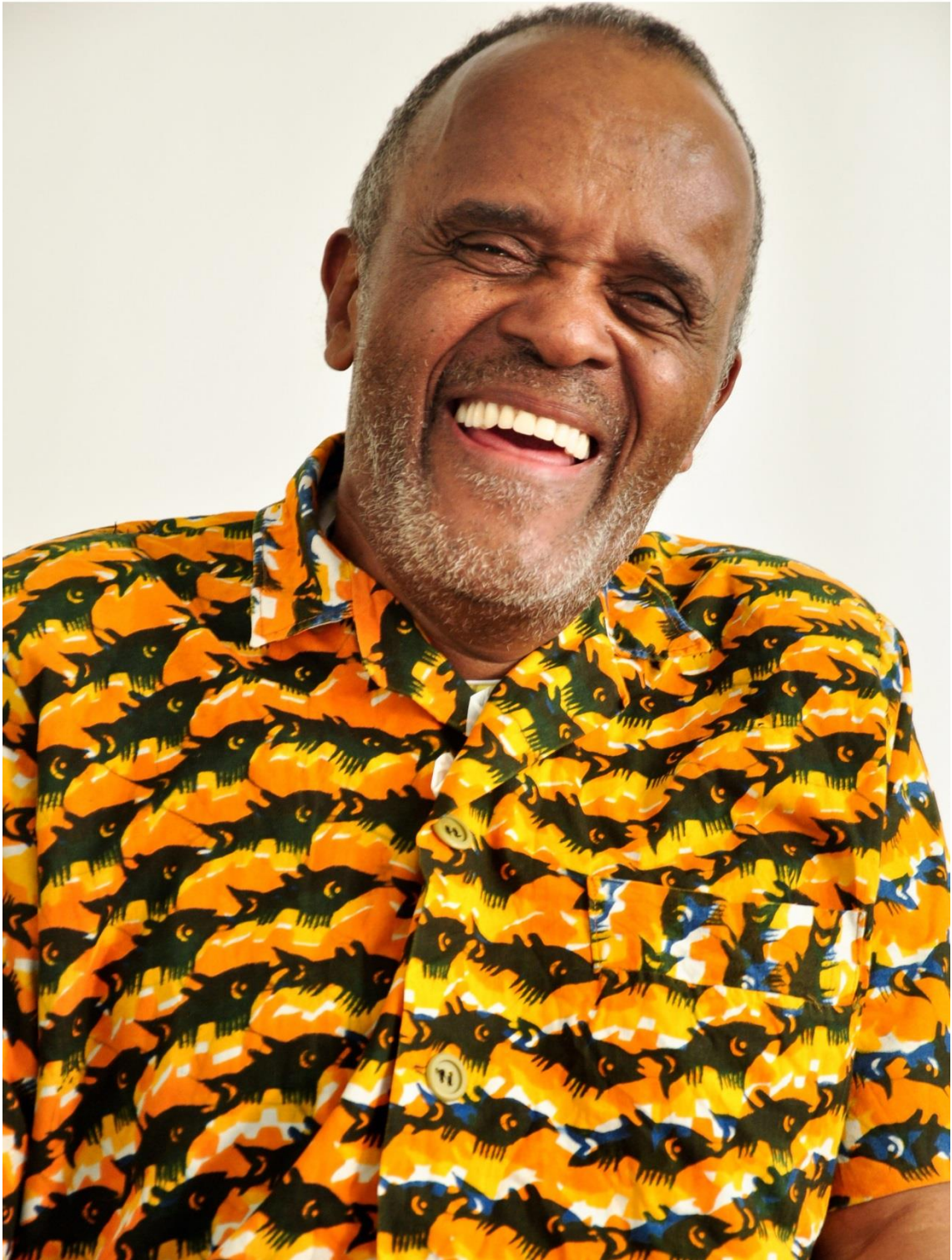
Plaudilina Boscato (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Cleunisse Oliveira (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Waltercir Dias (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Flávio Alouisio Carneiro (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Magno Martins Oliveira (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Francisco Mendes Pinto (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Regina Barbosa (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Conceição Imaculada Barbosa (2015) | Fotografia de Claudia Rangel



Zélia Lúcia Lima (2015) | Fotografia de Claudia Rangel